

c) Sobre a definição de planos de trabalhos do Museu e sobre quaisquer sugestões de algum ou alguns dos seus membros destinadas ao enriquecimento do Museu ou melhoria do seu funcionamento;

d) Sobre a concessão de bolsas e estágios, sobre facilidades para o estudo, por parte de particulares, das suas colecções e sobre a constituição de missões;

e) Sobre o *curriculum* dos investigadores;

f) Sobre o merecimento de artigos, estudos ou ensaios para efeitos de publicação por conta do Museu.

§ único. Das sessões do conselho cultural será lavrada acta, de que se enviará cópia à Junta de Investigações do Ultramar.

Art. 11.º Compete ao conselho administrativo:

a) Autorizar as despesas cuja autorização, nos termos da lei, não esteja na competência do director;

b) Pronunciar-se sobre as despesas cuja autorização dependa de despacho do Ministro, através da Junta de Investigações do Ultramar;

c) Pronunciar-se, até ao dia 15 de Setembro de cada ano, sobre o projecto de orçamento para o ano seguinte;

d) Aprovar, até ao dia 15 de Março de cada ano, as contas do Museu relativas ao ano anterior;

e) Velar pelo património do Museu e providenciar pela permanente actualização do respectivo inventário.

§ único. Das sessões do conselho administrativo lavrar-se-á acta, de que se enviará cópia à Junta de Investigações do Ultramar.

Dos quadros do pessoal do Museu e do seu provimento

Art. 12.º O Museu terá o pessoal técnico, científico, laboratorial e oficial indispensável ao desempenho das suas funções.

Art. 13.º O Museu terá uma secretaria, dirigida por um chefe de serviços de expediente e contabilidade, com o pessoal maior e menor necessário ao exercício das suas funções.

Art. 14.º As normas do recrutamento, provimento e promoção e as remunerações do pessoal do Museu serão as que vigorarem para o pessoal correspondente ou equiparável da Junta de Investigações do Ultramar.

Disposições finais

Art. 15.º O Museu de Etnologia do Ultramar disporá de edificio apropriado, adquirido ou a qualquer título cedido para o efeito, onde funcionará o Centro de Estudos de Antropologia Cultural.

§ único. Enquanto se não dispuser do edificio referido no presente artigo, a armazenagem de todo o material e documentos e o seu estudo far-se-ão em instalações provisórias adequadas, junto do Centro de Estudos de Antropologia Cultural.

Art. 16.º É permitida a utilização pelo Museu dos serviços dos actuais investigadores e demais servidores do Centro de Antropologia Cultural.

Art. 17.º Fica extinta a Missão Organizadora do Museu do Ultramar, criada pela Portaria n.º 19 480, de 5 de Novembro de 1962, passando as respectivas atribuições, pessoal e dotações para o Museu de Etnologia.

Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 19 de Março de 1965. —
AMÉRICO DEUS RODRIGUES THOMAZ — António de Oliveira Salazar — António Augusto Peixoto Correia.

Portaria n.º 21 188

Considerando que a Sociedade de Geografia de Lisboa é possuidora de valiosa biblioteca e de importante arquivo relacionados com a natureza pluricontinental e multirracional da Nação Portuguesa, particularmente no que respeita à África;

Considerando a utilidade de manter e desenvolver as tradicionais relações entre as secções científicas da Sociedade de Geografia de Lisboa e a Junta de Investigações do Ultramar;

Considerando a necessidade de preservar e também de investigar a documentação referida, incluindo a importante cartografia de que a Sociedade de Geografia de Lisboa é detentora;

Considerando ainda a vantagem de haver um centro de acolhimento para investigadores estrangeiros, cujo interesse pela missão e cultura portuguesas muito importa desenvolver e estimular;

Atendendo ao que expôs a Sociedade de Geografia de Lisboa e sob proposta da Junta de Investigações do Ultramar, para execução do previsto no n.º 12.º do artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 35 395, de 26 de Dezembro de 1945;

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Ultramar, o seguinte:

1.º É criado, na Junta de Investigações do Ultramar, um agrupamento científico que funcionará junto da Sociedade de Geografia de Lisboa e será denominado «Centro de Estudos Vasco da Gama»;

2.º O agrupamento científico da Junta de Investigações do Ultramar junto da Sociedade de Geografia de Lisboa terá por objecto:

a) Promover a preservação, investigação e valorização dos documentos, cartas e livros que são património da Sociedade de Geografia de Lisboa, em estreita cooperação com os restantes organismos da Junta de Investigações do Ultramar, especialmente o Centro de Documentação Científica e o Agrupamento Científico de Estudos de Cartografia Antiga;

b) Estabelecer a ligação entre as secções científicas da Sociedade de Geografia de Lisboa e a Junta de Investigações do Ultramar;

c) Promover estudos relacionados com a missão da Europa no Mundo.

d) Promover e conjugar os estudos dos vogais das secções referidas na alínea b), propondo à Junta de Investigações do Ultramar a publicação dos trabalhos considerados de mérito, em cooperação com a Sociedade de Geografia de Lisboa;

e) Actuar como centro de acolhimento de investigadores estrangeiros interessados nos problemas relacionados com a presença da cultura lusitana no Mundo, em cooperação com a Agência-Geral do Ultramar e com a Junta de Investigações do Ultramar.

3.º A direcção do agrupamento científico da Junta de Investigações do Ultramar junto da Sociedade de Geografia de Lisboa pertence à direcção desta Sociedade, que proporá ao Ministro do Ultramar, por intermédio da Junta de Investigações do Ultramar, a nomeação de uma comissão executiva assim constituída: um presidente, que será sempre um dos membros da direcção daquela Sociedade; um vogal, escolhido entre os presidentes das secções científicas da Sociedade de Geografia de Lisboa; um secretário, de preferência doutor ou assistente de uma das Universidades.

4.º O Ministro do Ultramar poderá fixar um subsídio para o secretário da comissão executiva.

5.º O orçamento do agrupamento será aprovado pelo Ministro do Ultramar, sob proposta da Junta de Investigações do Ultramar e da Agência-Geral do Ultramar.

6.º O agrupamento funcionará sob a égide científica da Junta de Investigações do Ultramar, à qual apresentará anualmente o programa dos trabalhos de investigação e o relatório da actividade desenvolvida.

Ministério do Ultramar, 19 de Março de 1965. — O Ministro do Ultramar, *António Augusto Peixoto Correia*.

MINISTÉRIOS DO ULTRAMAR E DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes

Decreto-Lei n.º 46 255

Usando da faculdade conferida pela 1.ª parte do n.º 2.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º O quantitativo da gratificação dos vice-reitores dos Estudos Gerais Universitários é idêntico ao da gratificação por uma acumulação de regência de aulas magistrais.

Art. 2.º Não é contado, para efeito do limite estabelecido no artigo único do Decreto-Lei n.º 35 964, de 20 de Novembro de 1946, o serviço prestado até dois anos por segundos-assistentes nos Estudos Gerais Universitários.

Art. 3.º O artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 45 180, de 5 de Agosto de 1963, passa a ter a seguinte redacção:

Art. 11.º Os cargos docentes, técnicos e administrativos poderão ser desempenhados em comissão de serviço por pessoal dos serviços do Ministério da Educação Nacional em qualquer situação.

Art. 4.º Compete aos Ministros do Ultramar e da Educação Nacional aprovar os planos das instalações dos Estudos Gerais Universitários e do respectivo apetrechamento em material de ensino e investigação científica.

Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 19 de Março de 1965. — *AMÉRICO DEUS RODRIGUES THOMAZ* — *António de Oliveira Salazar* — *José Gonçalo da Cunha Sottomayor Correia de Oliveira* — *Manuel Gomes de Araújo* — *Alfredo Rodrigues dos Santos Júnior* — *João de Matos Antunes Varela* — *António Manuel Pinto Barbosa* — *Joaquim da Luz Cunha* — *Fernando Quintanilha Mendonça Dias* — *Alberto Marciano Gorjão Franco Nogueira* — *Eduardo de Arantes e Oliveira* — *António Augusto Peixoto Correia* — *Inocência Galvão Teles* — *Luis Maria Teixeira Pinto* — *Carlos Gomes da Silva Ribeiro* — *José João Gonçalves de Proença* — *Francisco Pereira Neto de Carvalho*.

Para ser presente à Assembleia Nacional.

Para ser publicado no *Boletim Oficial* de Angola e Moçambique. — *Peixoto Correia*.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

SECRETARIAS DE ESTADO DA AGRICULTURA E DO COMÉRCIO

Decreto-Lei n.º 46 256

O condicionamento do plantio da vinha em vigor não se ajusta actualmente aos objectivos técnicos e económi-

cos da política vitivinícola tal como deve ser definida pelas circunstâncias e perspectivas presentes. Nalguns aspectos, o desajustamento verificado aconselha mesmo o recurso a providências imediatas, e a recente sucessão de elevadas produções mais explicitou a urgência de algumas alterações.

Por outro lado, não deve continuar a adoptar-se um regime de condicionamento que não dê audiência aos organismos que têm de enfrentar as consequências económicas das produções derivadas.

Nestes termos, e tendo em atenção que um novo regime de condicionamento exige um período de estudo que se não compadece com a urgência de algumas medidas, entendeu-se preferível estabelecer desde já certas normas transitórias que respondam às questões mais prementes, deixando para um futuro próximo a publicação de um novo regime de condicionamento.

Usando da faculdade conferida pela 1.ª parte do n.º 2.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º Até à publicação do novo regime sobre o condicionamento do plantio da vinha fica suspensa a concessão de autorizações ao abrigo das alíneas a), b), c), d) e e) do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 38 525, de 23 de Novembro de 1951.

Art. 2.º As plantações destinadas a ensaios ou estudos de interesse para a viticultura, que a Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas tenha necessidade de realizar em propriedades do Estado que não estejam afectas aos serviços seus dependentes ou a escolas oficiais, ou em propriedades particulares, carecem de autorização ministerial, sob proposta dos serviços.

Art. 3.º A reconstituição e transferência de vinhas só pode ser autorizada, ouvida a Junta Nacional do Vinho, nas seguintes condições:

a) A área ocupada pela nova vinha não pode ser superior à que era ocupada pelo povoamento originário.

b) A instalação da nova vinha será feita por forma que a área de terreno por videira não seja inferior a 2,60 m² e que os trabalhos de mobilização da terra se possam realizar mecânicamente e tendo em atenção a conveniente defesa do solo.

c) Os porta-enxertos e as castas a utilizar na enxertia terão de ser aprovados pelos serviços.

§ 1.º As castas e respectivas percentagens deverão ser propostas pelos interessados e só haverá alteração quando for julgado necessário à qualidade de vinho.

§ 2.º A reconstituição de vinhas só pode ser realizada passados três anos sobre o arrancamento do povoamento originário.

Art. 4.º As taxas a pagar pelas licenças serão as seguintes:

a) \$30 por cada pé de videira a plantar depois de concedida a licença.

b) \$60 por cada pé plantado antes dessa concessão e quando a licença tenha sido requerida.

Art. 5.º Nos casos de transferência os povoamentos originários serão arrancados durante o terceiro ano, a contar da concessão da licença.

Art. 6.º As plantações efectuadas sem licença, com excepção das referidas na alínea b) do artigo 4.º, ficam sujeitas ao pagamento da taxa anual de 10\$ por cada pé, que é devida a partir da data em que se verificar a existência da plantação e independentemente da idade da vinha.

Art. 7.º Os viticultores podem requerer aos serviços a contagem e o registo do número de videiras que possuem,